



KEN WILBER – SAMURAI INTELLECTUAL

Entrevista a Adam Springfeldt da *ACNE Paper* (2006)

Tradução de Ari Raynsford (www.ariraynsford.com.br)

Revisão de Darcy Brega

Acne Paper!?! Sim, eu exclamei a mesma coisa quando soube que Ken daria uma entrevista a eles. De acordo com seu site: "Cada edição da *Acne Paper* é criada em torno de uma ideia-chave – um tema atemporal que, de várias maneiras, toca todos aqueles que trabalham nas áreas criativas, independentemente da idade, origem cultural ou status social. Em uma mistura eclética, porém coerente, de imagem, moda e fotografia de arte, bem como entrevistas, memórias e prosa, a narrativa editorial visa a unir mentes artísticas de todas as gerações. Ela presta homenagem a luminares do passado, embora mantenha um firme controle sobre o presente, evocando algo atemporal e nostálgico, mas revigorantemente moderno. Movendo-se sem esforço entre a alta cultura e a cultura popular, *Acne Paper* é uma revista glamorosa e inteligente que celebra a personalidade, a autenticidade e o estilo." A seguir, uma cópia da entrevista a *Acne Paper* dada por Ken. Aproveitem!

Introdução

Autodescrito como "defensor do Dharma; samurai intelectual", Ken Wilber criou uma estrutura abrangente e original de todo o conhecimento da humanidade – passado e presente, Oriente e Ocidente – uma síntese das grandes tradições psicológicas, filosóficas e espirituais do mundo.

Ken Wilber nasceu em 1949 em Oklahoma City, EUA. Ele tem um mestrado em bioquímica e um doutorado sem tese em biofísica, e está profundamente imerso na espiritualidade por meio de práticas contemplativas e meditação. Esta combinação de ciência e espiritualidade levou-o a mergulhar nas profundezas da psique humana para desenvolver a Teoria Integral – uma abordagem que vai além do pós-modernismo para formar um modelo completo e *integral* de compreensão da evolução e do mundo. Ele é um contador de histórias e um cartógrafo; suas histórias abordam questões universais e seus mapas integram várias perspectivas do "Kosmos".

Aclamado como o "principal pensador no campo da evolução da consciência" pelo jornal alemão *Die Welt*, em um Fórum Econômico Mundial, Bill Clinton disse: "O que o mundo precisa agora é de consciência integral, como descrita por Ken Wilber em seu livro *Uma Teoria de Tudo*."

Seu vasto corpo de trabalho contém ideias aplicáveis a tudo, desde direito, medicina e negócios até arte e psicologia. Seria impossível fazer-lhe justiça nesta muito breve – e, para Ken Wilber, bem rara – entrevista, portanto, considere-a um mero arranhão na superfície:

Em um e-mail, você disse que dá muita ênfase a *O Verdadeiro, O Bom e O Belo* no *Integral Institute* e que a estética desempenha um papel muito importante em tudo o que você faz. Você poderia falar um pouco mais sobre isso?

Bem, uma das coisas que realmente aprecio na sua revista é que, como eu estava dizendo, vocês basicamente tentam lidar com todos os três – *O Verdadeiro, O Bom e O Belo* – e reuni-los sob o mesmo teto, o que considero absolutamente extraordinário. Algo que precisa muito ser feito.

Três dos julgamentos ou perguntas mais importantes que os seres humanos podem fazer ao vivenciar um evento são, um: "é real?", dois: "é bom – o que devo fazer sobre isso?" e três: "é atraente, é agradável, é belo?".

Esses são três julgamentos realmente fundamentais. Eles correspondem aos quatro, ou três, quadrantes em nossa estrutura – "eu", "nós" e "isto". A beleza está nos olhos de quem vê, o "eu". A moral e a ética lidam com a forma como nos tratamos, o "nós". E a verdade, significando verdade científica objetiva, é o "isto" ou "istos".

Ciência, Moral e Arte. O Verdadeiro, O Bom e O Belo.

Esses julgamentos são muito importantes. O ponto principal sobre o mapa ou estrutura de quatro quadrantes é que essas quatro, ou três, coisas sempre andam juntas. Elas realmente não podem ser separadas. Portanto, o julgamento: "é real ou não?" é o domínio da Verdade – é um julgamento cognitivo, o domínio da ciência. O julgamento, "o que devemos fazer sobre isso?" é o domínio do Bem – moral e ética. E, por fim, o julgamento: "é atraente, é agradável, é belo?" é o domínio da arte e da estética, ou da Beleza. Ciência, Moral e Arte. O Verdadeiro, O Bom e o Belo.

Esses são três aspectos de cada momento de experiência. Então, o que acontece é que, se você abstrair um deles, a realidade e o seu próprio ser

fragmentam-se. Assim, você deseja que a verdade seja apresentada de uma forma que seja inerentemente atraente, com um belo padrão a ser visto. Você também quer que a verdade faça parte da pergunta: "Como devo viver minha vida, o que é uma vida boa e qual é a coisa certa a fazer?" – que é o julgamento normativo.

O Bom, O Verdadeiro e O Belo são entes que nunca devem ser separados, porque, na verdade, elas não se separam. É uma catástrofe quando deixamos isso acontecer. E quando o fazemos, ocorre a tendência de deixar acontecer de forma extrema. Quando você vê uma modelo de moda, você não pensa nessa pessoa como um ser espiritual, ou talvez como uma professora de matemática ou algo assim. Acabamos de exemplificar essas ideias realmente *idiotas* sobre como essas coisas devem ser separadas e mantidas separadas umas das outras.

Você diz que estamos em um ponto da história em que pela primeira vez, talvez nos últimos vinte ou trinta anos, é possível criar uma abordagem integral porque só agora temos acesso a todos os tipos de conhecimento e culturas do mundo, passado e presente, Oriente e Ocidente.

Correto. Há duas coisas que são muito empolgantes, eu acho, sobre os últimos dez ou vinte anos. A primeira é que, começando de fato após a Segunda Guerra Mundial, mas particularmente nas últimas duas décadas, temos acesso a todas as culturas do mundo. Pela primeira vez na história, sabemos tudo o que conhecemos até agora. Isto é bastante surpreendente! Perceber que você pode comprar livros que têm as respostas para os mil setecentos e sessenta koans do Zen! Está realmente tudo lá fora. Agora fico me perguntando se é a era da informação, a era da rede mundial, etc. É muito motivador. Claro, isso tornou possível sentarmo-nos e questionar: "quais são os elementos comuns aqui?". Isso permitiu-nos criar a abordagem integral.

Mas a segunda coisa que acho realmente fascinante é que, pela primeira vez na história, parecemos estar nos aproximando não apenas da emergência de um novo estágio de desenvolvimento, mas do surgimento de um novo estágio que é também o despontar de uma camada de desenvolvimento totalmente nova. Resumidamente, o que isso significa é: psicólogos do desenvolvimento – quando olham para o desdobramento de vários estágios, níveis e ondas de desenvolvimento nos seres humanos – de vez em quando encontram um desdobramento ou emergência que é tão dramaticamente diferente de tudo que veio antes, a ponto de eles chamarem os estágios anteriores de *primeira camada*, em seguida, o início desses outros estágios, de *segunda camada* e, ocasionalmente, podendo haver uma *terceira camada*.

Uma das primeiras pessoas a descobrir isto foi Abraham Maslow, cuja hierarquia de necessidades vai das necessidades *fisiológicas* a necessidades de *segurança*, a necessidades de *pertencimento*, a necessidades de *autoestima*, a necessidades de *autorrealização* até necessidades de *autotranscendência*. O que ele descobriu é que, no momento em que as pessoas atingem as necessidades de autoestima e passam para o próximo estágio, que são as necessidades de autorrealização, surge um tipo inteiramente diferente de motivação. Então ele nomeou

os estágios da primeira camada como necessidades de deficiência, porque a motivação da pessoa era a falta – "Eu não tenho comida – preciso conseguir", "Eu sinto falta de sexo – preciso fazer", "Eu não tenho autoestima – preciso desenvolver"... As necessidades e motivações que começaram a surgir na segunda camada, ele as chamou de necessidades de *ser* ou de *valores* – porque a motivação não era a falta, mas a plenitude. As pessoas eram motivadas a fazer algo porque estavam transbordando. A plenitude fluía para o mundo – não era um anseio que precisasse de algo para ser satisfeito. Essa é uma mudança muito importante.

E Clare Graves, que fez um trabalho extraordinário sobre sistemas de valores, encontrou essencialmente a mesma coisa. Ele descobriu cerca de oito níveis ou estágios de desenvolvimento de valores, e é claro que pode haver outros mais elevados. Acontece que esses são os que ele conseguiu detectar com seus dados. Quanto mais elevado o estágio, há menos pessoas nele, por isso é mais difícil obter dados sobre ele. Portanto, se dissermos que há oito níveis, não significa que não possa haver mais. Graves encontrou oito. Quando o sétimo estágio emergiu, ele disse que ocorreu um salto monumental de valor que foi simplesmente impressionante. E seus dados realmente sustentaram isso. Assim, ele chamou os seis estágios iniciais de primeira camada e os dois seguintes de segunda camada. E o salto da primeira para a segunda camada foi muito importante por diversos motivos. A definição de estágios de primeira camada e valores de primeira camada é que cada estágio pensa que seus valores são os únicos corretos no mundo. E assim temos estágios que ele chamou, basicamente, de *arcaico*, *egocêntrico* ou de *poder*, *absolutista*, *multiplista*, *relativista* e, por fim, *holístico*. E os indivíduos da segunda camada tiveram uma compreensão intuitiva da razão de todos esses outros estágios e valores serem necessários. Eles não tentaram suprimi-los porque perceberam que todos nascemos na estaca zero e que esses outros valores sempre existem no mundo. Os estágios de segunda camada foram os primeiros que começaram a integrar os outros valores, a encontrar modelos psicológicos que os incluíssem. Eles não escolheram um deles e disseram: "isto é saudável e todas as outras coisas são doentias, insalubres ou ilusórias".

Assim, o que você encontra em particular com a emergência dos estágios de segunda camada é o que vários desenvolvimentistas, inclusive Jane Lvinger, começaram a chamar de *integral* ou *integrado*. Novamente, isso não significa que não existam estágios superiores, uma espécie de superintegrais. Mas, em geral, eles parecem ser integrais. Portanto, o que estamos descobrindo é que os indivíduos da segunda camada são dez vezes mais eficientes nas tarefas que lhes são atribuídas do que os indivíduos da primeira camada. Estamos em um ponto no qual cerca de dez por cento da população está atingindo a segunda camada. No passado, sempre que um estágio de vanguarda chegava a dez por cento, havia um ponto de inflexão na cultura. Assim, cerca de trezentos anos atrás, quando cerca de dez por cento da população atingiu um nível que é denominado, variadamente, *multiplista*, *valores modernos* ou *científico-racional* – quando esse estágio foi atingido ocorreram as revoluções francesa e americana, e todas as formas mundicêntricas de governança entraram em jogo. Cerca de trinta anos atrás, quando dez por cento da população atingiu o nível *pluralista*, *pós-moderno* ou *relativista*, houve uma grande mudança e emergiu o movimento pelos direitos civis, etc. E agora estamos prestes a ver 10% da

população atingir a segunda camada. Além de ser dez vezes mais eficiente, é a primeira vez que veremos a emergência de uma camada e não apenas de um estágio. Assim, este parece ser um período bem interessante.

Temos muitos dados sobre isso e, portanto, não é somente um pensamento positivo dos Boomers tipo "a maior transformação que o mundo já conheceu". Ele parece ser incrivelmente significativo.

Você acha que os períodos entre novos estágios ocorrerão em intervalos cada vez mais curtos?

Pois é, 300.000 anos, 30.000 anos, 3.000 anos, 300 anos e 30 anos. Então o próximo levará 3 anos... E você sabe, existem alguns teorizadores bem equilibrados e responsáveis que creem nisso. Eu não acredito da forma como normalmente é apresentado. Quero dizer, algumas pessoas, como Ray Kurzweil, até acreditam que haverá uma singularidade – porque a taxa de inovação tecnológica vai se aproximar do infinito – e então, quando ocorrer essa singularidade, as leis da física poderão mudar e nós poderemos nos elevar em luz, e esse tipo de coisa. Eu não penso assim. Mesmo que seja uma taxa acelerada, pode muito bem ser que o que acontecerá, quando você passa de 300 anos para 30 anos para 3 anos, é que realmente estará pulando para a próxima camada. E aí, tudo se repetirá. Em outras palavras, pode levar outros 300 anos para o próximo estágio, e então 30 anos e 3 anos, etc. até que emergja uma nova camada. Portanto, mesmo que ocorra essa taxa acelerada, não acho que vamos nos elevar em luz ou algo assim.

Ha ha...

Ha ha!

Você poderia entrar no conceito do modelo AQAL – "Todos os Quadrantes, Todos os Níveis" – ou, como você o descreve: "uma sugestão de arquitetura do Kosmos"?

O que tentamos fazer com a abordagem AQAL é olhar para todos os campos do conhecimento e das disciplinas humanas que conseguimos encontrar e procurar padrões e elementos recorrentes. Isto é feito no que chamamos de abordagem generalizadora. Não estamos de forma alguma negando que há todos os tipos de detalhes e padrões que são específicos da cultura e que não podem ser trasladados, ou que existe uma rica multiplicidade de visões de mundo que não podem ser reduzidas umas às outras, e assim por diante. Vamos além dos pós-modernistas para um espaço de reconhecimento integral de padrões e procuramos esses elementos que são comuns em vários campos.

Encontramos cinco elementos principais. Existem mais, mas se considerar esses cinco, você realmente estará adotando uma abordagem bem abrangente e integral. Esses cinco elementos são *quadrantes, níveis, linhas, estados e tipos*.

Os quatro quadrantes são as dimensões ou perspectivas fundamentais de qualquer ocasião ou evento. Esses quadrantes são o interior e o exterior do singular e do plural. Resumindo em termos de pronomes: o interior do indivíduo é geralmente representado pelos pronomes "eu", "me" ou "meu". Esses são espaços fenomenológicos na sua própria consciência. Você tem um espaço "eu" e um espaço "me" – você consegue de fato identificá-los, senti-los, percebê-los. Em seguida, a primeira pessoa do plural é "nós", "nos", "nosso". Em geral, colocamos "nós" no quadrante inferior esquerdo, o interior do coletivo, porque ele está relacionado à segunda pessoa "tu" e à primeira pessoa "eu", donde a primeira pessoa do plural "nós" o representa convenientemente.

Portanto, há a visão de como os grupos se parecem por dentro e como se parecem por fora, como um indivíduo se parece por dentro e como se parece por fora. A visão exterior costuma ser uma visão de terceira pessoa. Terceira pessoa do singular – "isto" – no quadrante superior direito. Terceira pessoa do plural – "istos" – no quadrante inferior direito.

Desse modo, os quatro quadrantes são "eu", "nós", "isto" e "istos". Frequentemente, usamos apenas "isto" para cobrir os dois últimos – donde os quadrantes também são "eu", "nós" e "isto".

Esses quadrantes revelam-se muito semelhantes aos critérios de validade usados por Jürgen Habermas, por exemplo, e também estão intimamente relacionados aos conceitos de *O Bom*, *O Verdadeiro* e *O Belo*. Esses são padrões recorrentes em diferentes tipos de disciplinas e conhecimentos humanos que você encontra em diversos graus de julgamentos que os seres humanos fazem. Eis os quadrantes.

Em cada um desses quadrantes existem perspectivas que realmente crescem e se desenvolvem. No espaço "eu", no quadrante superior esquerdo – se você seguir esse "eu" – descobrirá que ele irá de perspectivas que são *egocêntricas*, para *etnocêntricas*, para *mundicêntricas* e até mesmo para algo que chamamos de *kosmocêntricas*. Kosmos com "K" significa mais do que apenas o cosmos físico – possivelmente até estados transcendentais ou místicos de sentimentos de unidade com todos os seres. E certamente, *pré-convencional*, *convencional* e *pós-convencional* são estágios de desenvolvimento bem pesquisados no espaço "eu". Portanto, são representações dos níveis. Encontramos esses níveis nos outros quadrantes também e podemos dar exemplos mais tarde, se você desejar. Mas egocêntrico para etnocêntrico para mundicêntrico – indo de "eu" para "nós" para "todos nós" é um tipo bem característico de série de níveis de desenvolvimento. E se você perguntar "níveis de quê?", bem, são níveis em várias *linhas* de desenvolvimento.

As pessoas estão familiarizadas com linhas de desenvolvimento. Há, por exemplo, a linha cognitiva, a linha de desenvolvimento moral, a interpessoal, a inteligência emocional e algumas pessoas têm defendido que haja uma inteligência espiritual. O que você descobre nessas inteligências é que elas, de fato, crescem através desses níveis que chamamos de *altitudes*. São níveis de grau de complexidade, grau de consciência, etc. O desenvolvimento cognitivo é capaz de

adotar uma perspectiva de primeira pessoa, que é egocêntrica, de adotar uma perspectiva de segunda pessoa, que é etnocêntrica, de adotar uma perspectiva de terceira pessoa, que é mundicêntrica, e assim por diante. As linhas costumam ser chamadas de inteligências múltiplas. Ao que parece, as pessoas têm pelo menos uma dúzia de inteligências. Você deseja ter todas em mente quando está abordando qualquer fenômeno.

Portanto, eis os quadrantes, níveis e linhas. Continuando, temos *estados*. Estados referem-se a estados de consciência – estados alterados, experiências de pico. É muito importante rastrear o estado ou humor de um indivíduo. Existem tipos de estados, como estados meditativos, que supostamente fornecem informações muito importantes ou profundas do conhecimento humano. Desse modo, simplesmente não queremos descartar essa possibilidade.

Finalmente, existem *tipos*. O tipo é uma categoria genérica. Podemos usar uma tipologia para abordar um indivíduo. Algumas pessoas ainda usam a astrologia como tipologia. Acharmos que a evidência empírica para a astrologia é um pouco... tênue. Mas existem outras tipologias: Myers-Briggs, o Eneagrama, etc. Elas podem ser aplicadas a qualquer estágio ou nível.

Em suma, quadrantes, níveis, linhas, estados e tipos são os cinco elementos. O que acontece é que quando abordamos qualquer disciplina – como direito, medicina, arte, estudos da consciência, política, ciência, psicologia – descobrimos que, em geral, existem pelo menos três ou quatro escolas principais. Constatamos, quase sempre, que essas importantes escolas se concentram em apenas um dos quatro quadrantes. Então, sentamo-nos e pegamos as verdades daquela escola e as combinamos com as verdades das outras escolas que estão focalizadas nos outros quadrantes. Obtemos uma abordagem da disciplina muito, muito mais abrangente, equilibrada e totalmente nivelada. Descobrimos que a maioria dos recursos para isso pode ser encontrada na própria disciplina.

No Direito, por exemplo, existem importantes escolas de pensamento que desenvolveram uma abordagem chamada *positivista* básica. E assim, como os quadrantes do lado direito, elas olham somente para os exteriores – acreditam que há uma resposta bem positivista para todas as questões legais e judiciais. E há aqueles, como Donald Dworkin, que insistem que a lei é um evento hermenêutico ou interpretativo. A visão de que você não pode estabelecer um algoritmo que explique todos os casos porque o direito, em parte, não é apenas monológico – é dialógico. Essas escolas estão cobrindo os quadrantes interiores, ou do lado esquerdo. Assim, propomos que essas duas visões precisam andar juntas.

Se você usar apenas uma perspectiva ou se concentrar somente em um dos quadrantes, o que verá é verdadeiro e você poderá considerar esses dados, mas, repito, estará usando apenas uma perspectiva. Digamos que você esteja investigando o quadrante superior direito. Você acha que esse é o único quadrante que é real. Portanto, os dados que obtiver do quadrante superior direito são aceitáveis – dizemos que isso é bom. Mas quando uma pessoa começa a dizer "bem, esses outros quadrantes não são reais", não prestamos atenção a esse tipo de comentário. Quando

a pessoa extrapola os limites de sua própria legitimidade, não estamos dispostos a incluir seus reducionismos.

Podemos fazer a mesma coisa com os níveis. Na interpretação da arte, por exemplo, você, frequentemente, vê que o artista está em um determinado nível ou onda de consciência e as estruturas de valor desse nível podem ser lidas em sua obra de arte, e assim por diante.

Encontramos níveis, linhas, estados e tipos literalmente em qualquer disciplina. Ainda não descobrimos uma disciplina em que essa abordagem integral não ajude – de negócios a medicina, política e arte. Você pode transformar uma disciplina em uma abordagem integral e, nesse ponto, ela se torna verdadeiramente revolucionária.

Você descreveria a abordagem integral como uma teoria, um modelo, um sistema ou uma estrutura?

Sinto-me confortável com estrutura, basicamente. Acho que é isso. Inicialmente é somente uma estrutura. A estrutura em si não tem conteúdo. Portanto, a primeira pessoa, a segunda pessoa e a terceira pessoa são apenas perspectivas. Se eu disser: "inclua uma visão de consciência de segunda pessoa ou inclua a visão de consciência de terceira pessoa", elas não definem quais dados ou conteúdos você deve incluir. Isto é o que vamos tentar encontrar, de uma forma científica.

A mesma coisa acontece com níveis e estados. Dizemos que existem estados de consciência de vigília, sonho e sono profundo, e você deve incluí-los se estiver em busca de uma psicologia completa. Não dizemos o que você deve sonhar ou o que deve pensar enquanto acordado, e assim por diante.

Em primeira instância, é essa estrutura livre de conteúdo. E as pessoas descobrem que é um *sistema de indexação* extraordinário. Ele oferece um modo de considerar, de fato, praticamente todos os dados e todas as abordagens de uma disciplina, frequentemente abordagens conflitantes, e basicamente indexá-los. Assim, as pessoas conseguem dizer que estão realmente se concentrando no quadrante superior esquerdo e que estão considerando dados a partir do nível dez em diante, etc. Simplesmente colocam-se as coisas nos devidos lugares. Além disso, você pode começar a adicionar seu próprio conteúdo. Você pode dizer: "acreditamos que existem tais linhas e esses são os estágios que encontramos". As pessoas podem usar a abordagem integral como um sistema de indexação livre de conteúdo para praticamente qualquer coisa, e essa é uma de suas reais utilidades.

Você costuma dizer que é um mapa de um território, não o território real...

Correto. Não é o território. O território é a extensão de sua própria experiência direta e imediata, exatamente agora. Você pode sentir, literalmente, cada um dos elementos da estrutura AQAL. Há uma consciência de primeira pessoa, uma de segunda pessoa e uma de terceira pessoa que você está vivenciando neste momento.

Você e eu as estamos vivenciando. Cada um de nós tem um senso de "eu". Existe um espaço "eu", um espaço "eu" fenomenológico. À medida que você e eu conversamos, estamos formando um espaço "nós", estamos tentando chegar a um entendimento mútuo e nos compreendermos. Esse é o nosso quadrante inferior esquerdo. O quadrante superior esquerdo é o nosso espaço "eu" – você me faz algumas perguntas, eu lhe respondo, e você tem uma sensação completa de "eu". Continuamos a conversar e há uma sensação de "nós". Como "nós" é um hólón cultural ou nosso quadrante inferior esquerdo, ele é, na verdade, uma dimensão de nós dois. À medida que experienciamos esse "nós", sentimos que cada um de nossos "eus" está realmente ligado a ele. No quadrante superior direito, temos uma série de exteriores. Eu tenho meu corpo físico, ele está falando ao telefone, está enviando ondas sonoras físicas através de linhas físicas para você. E então, quando chega a você, temos um hólón coletivo porque somos dois. Portanto, o próprio "nós" tem exteriores. Estamos falando por um sistema telefônico agora. Ele envia esse material – significantes – através do Atlântico. Essa é uma série inteira que se forma a partir de nosso quadrante inferior direito. Somos afetados, a cada dia, a cada hora ou a cada minuto, por centenas de milhares de significantes. Os significantes são o que realmente nos permite criar mundos interiores. Em termos de agora, você e eu estamos preenchendo um espaço "nós" de compreensão mútua e há uma correlação física no quadrante inferior direito.

Os quatro quadrantes são algo que podemos ver, tocar, sentir e pensar de maneira direta e imediata. Eu considero isto importante – certamente você pode usá-los como índices para qualquer coisa, do direito a medicina, como eu disse. Mas, fundamentalmente, eles representam um *mapa do seu território*: das coisas que você pode tocar e sentir por si mesmo. É por isso que este mapa, ou estrutura, também se torna muito útil para pessoas que estão se ocupando de alguma forma de processo de crescimento ou transformação. Porque este é um mapa de todos os diferentes elementos em que você pode se engajar se quiser crescer e se desenvolver. Desenvolver liderança, desenvolver algum tipo de treinamento espiritual, desenvolver treinamento intelectual, e assim por diante. É um mapa do território que é você.

Então, é um mapa da realidade ou como eu percebo a realidade?

Acho que sim. Na verdade, ele começou como uma espécie de índice ou classificação. Então o que aconteceu é que quanto mais eu olhava para ele, mais se tornava aparente que a razão de ser um sistema de indexação tão bom, ou um mapa tão bom, é porque parece que o arranjo genuíno da realidade apresenta esse tipo de estrutura AQAL. A cada momento, há uma *ocasião*, como Whitehead denominava; temos nossos momentos experienciais à medida que eles se desdobram agora. Whitehead referia-se a ocasião como uma gota de experiência. Portanto, essas ocasiões são a realidade momento a momento, e cada uma delas apresenta essa estrutura AQAL – ou estrutura de quatro quadrantes. E assim, realmente, eu a busco, todos nós do *Integral Institute* olhamos para ela com muita atenção e nossa conclusão é que essa é a estrutura verdadeira da realidade em toda a sua extensão. Você não precisa acreditar nisso – pode usar o mapa AQAL simplesmente como um sistema de

indexação, como estávamos dizendo, e, nesse caso, os filósofos o chamariam de um bom dispositivo heurístico – mas se você quiser usá-lo mais profundamente e entrar em algo que pode ser chamado de metafísica ou pós-metafísica, este mapa certamente servirá.

Parece que a estrutura AQAL também traz à mesa uma visão de que todos os quatro quadrantes são científicos, não apenas o quadrante superior direito como é, convencional ou tradicionalmente, o caso. Porque em cada quadrante existem procedimentos e métodos para reproduzir experiências ou dados.

Exatamente. Provavelmente, você levantou um dos pontos mais importantes sobre a estrutura AQAL. Você começa a perceber que existem metodologias, ou técnicas, ou injunções – e este é o significado de paradigma, que não é uma teoria, mas uma prática real – que revelarão diferentes dados ou fenômenos nos quatro quadrantes. E eles são reprodutíveis. Em geral, muitas das técnicas desses quadrantes têm sido usadas, há centenas de anos, por pessoas que se especializam em um domínio de conhecimento específico. Elas são tipos de metodologias realmente fundamentais. Portanto, o problema só surge quando as pessoas tendem a pensar que não se consegue provar interiores da mesma forma que conseguimos provar exteriores. Alguém pondera: "bem, isso é líquido e certo – se você vai usar a técnica que revela o exterior, como um microscópio ou um telescópio, então não consegue *provar* os interiores". Mas não fazemos isso. Usamos as técnicas concebidas para revelar o interior, e temos feito isso, de forma reprodutível, há décadas ou, às vezes, séculos. Tipos de fenomenologia, tipos específicos de introspecção interior, meditação e contemplação – existem *escolas* inteiras de como trabalhar o interior, incluindo até mesmo a psicanálise. Esse conhecimento é passado de professor para aluno porque existe algo a passar! Você pode obter uma resposta correta ou falsa em um teste porque há dados verdadeiros e falsos. Muitos problemas simplesmente desaparecem se você usar essa abordagem integral!

Portanto, todos os tipos de visões negativas sobre níveis ou quadrantes diferentes de onde nos encontramos são contraproducentes?

Muito mesmo. Na verdade, temos diferentes visões de mundo em diferentes níveis. É simplesmente uma perda de tempo indivíduos em níveis diferentes, ou onde suas consciências estão em níveis diferentes, discutir. Porque o que eles vão fazer é apresentar os dados de seu nível que sabem ser verdadeiros e, portanto, estarão convencidos de que o que dizem está certo, e cerca de 90% está. Os dados de seu nível provavelmente estão corretos. Mas a outra pessoa pode estar argumentando de um nível diferente. Alguém está argumentando de um nível *modernista*, que acredita apenas em formas de racionalidade. E a outra pessoa está argumentando de um nível *relativista* e *pluralista*, e os dados dela também são verdadeiros. O que ela está vendo daquela altitude é muito real.

Portanto, alguém de uma altitude *pluralista* e *pós-moderna* vê os dados que observa em todos os sistemas ao redor do mundo e destaca as áreas onde esses

sistemas realmente são incomensuráveis entre si. Existe um multiculturalismo vasto e requintado – e você não pode simplesmente reduzir uma cultura a outra. É preciso ter muito cuidado com quaisquer interesses que possam perturbar o conhecimento, sejam eles antropocêntricos, sexistas, racistas, eurocêntricos, etc.

Alguém de um nível *racional* e *modernista* olha para outros dados. Ele observa os aspectos de culturas e indivíduos – para os componentes exteriores – como a biologia, por exemplo, e descobre aspectos que são universais. Assim, afirma que "todo mundo tem a mesma bioquímica, o que significa que há apenas uma verdade". E aí você encontra Edward O. Wilson falando sobre consiliência, quando se junta todo o conhecimento – mas ele não está juntando todo o conhecimento. Ele está levando todo o conhecimento para o quadrante superior direito e, geralmente, considerando apenas um nível.

Assim, consideramos os dados onde eles funcionam, do seu lado da rua, por assim dizer, mas rejeitamos a maior parte do que eles têm a dizer quando tentam forçar todo mundo a usar seus métodos e aceitar seus dados para outras áreas.

Você fala sobre hólons e holarquias; poderia descrever a premissa fundamental desses conceitos?

Sim. Arthur Koestler cunhou o termo hólón. É um termo maravilhoso que significa "um todo que faz parte de outro todo". Um átomo inteiro é parte de uma molécula; uma molécula inteira é parte de uma célula, uma célula inteira é parte de um organismo e assim por diante – isto é um hólón.

Basicamente, a realidade é composta de hólons. Ele é a unidade fundamental. Quer seja nos quadrantes interiores ou exteriores, você descobre que os hólons são as partículas fundamentais, por assim dizer. Quando eles se reúnem, surge o impulso para níveis mais elevados de complexidade e níveis mais elevados de unidade. Podemos tentar dar-lhe um nome científico; no quadrante superior direito os cientistas estão sempre à procura de um ângulo reducionista nas abordagens, o que é *compreensível*, mas aí eles chegam à conclusão de que a própria matéria apresenta tendência à auto-organização. No quadrante superior direito, você não precisa de Deus ou algo assim, porém a matéria se ordena. Passamos de átomos a Shakespeare – *algo* está acontecendo...

Portanto, essa pulsão, Eros ou qualquer outro nome, reúne hólons. Depois, há as hierarquias, mas tantas pessoas confundem terrivelmente o termo hierarquia, que tendemos a não usá-lo. De qualquer modo, o termo correto é *holarquia*. Porque os átomos se unem em moléculas, as moléculas se unem em células, as células se unem em organismos. Isto é uma *holarquia*. Os hólons tendem a operar holarquicamente. Cada nível superior não oprime o nível inferior, ele o inclui. Ele transcende e inclui. Assim, holarquias são essas vastas estruturas de abraço e, de uma forma antropomórfica, de *amor*. Moléculas não odeiam átomos – elas os amam! Elas os envolvem. E o mesmo acontece com células e organismos, etc. As células não oprimem seus átomos, mas as pessoas parecem pensar que todas as hierarquias têm algo a ver com opressão. Isto é bem raro. Existem hierarquias de dominação e

hierarquias de crescimento e realização. A natureza está repleta de hierarquias de crescimento. É uma estrutura fundamental. Em algumas sociedades humanas, existem hierarquias de dominação e, claro, não gostamos delas e não queremos que aconteçam. Mas muitos pós-modernistas que se sentem incomodados com as hierarquias de dominação jogam fora as hierarquias de crescimento e, por isto mesmo, eles próprios param de crescer, mas isso é outra história... Ha ha ha!

Em cada nível mais elevado da holarquia, há um aumento de profundidade. Esse é realmente um dos milagres da evolução e da emergência. No quadrante superior direito, falamos sobre átomos a moléculas, a células, a organismos e assim por diante. No quadrante superior esquerdo, tem-se *sensações* que são absorvidas em *percepções*, e percepções são transcendidas e incluídas em *imagens* e as imagens são transformadas em *símbolos*, vários símbolos são representados por *conceitos*, centenas de conceitos constituem *regras* e centenas de regras são integradas em *operações formais* ou *metarregras*.

O que você encontra em qualquer um dos quadrantes como um nível de holarquia mais elevado que passa a existir, é um nível mais elevado de cuidado e consciência... e de amor, se você, novamente, quiser pensar dessa forma nos quadrantes esquerdos. A pesquisa que Carol Gilligan apresentou em *Uma Voz Diferente* é geralmente citada como demonstração de que as mulheres não usam hierarquias, mas na verdade é exatamente o oposto! Carol Gilligan descobriu que os homens tendem a pensar usando hierarquias e as mulheres tendem a pensar não usando hierarquias, mas tanto o pensamento das mulheres quanto o dos homens se desenvolve em quatro estágios hierárquicos – quatro estágios holárquicos. Carol Gilligan identificou os quatro estágios ou níveis de crescimento feminino, a hierarquia feminina, como *egoísta*, *cuidado*, *cuidado universal* e *integrado*. Egoísta, é claro, significa que você só pode estender amor e carinho a si mesmo – é *egocêntrico*. Cuidado significa estender amor e cuidado apenas a um grupo e não a todos igualmente. Em seguida, cuidado universal significa exatamente isso. Integrado significa que você une os *tipos* feminino e masculino de cuidado e compaixão. Isto é o que encontramos com *profundidade* crescente, o que por sua vez gera consciência e complexidade crescentes, aumentando o abraço e o amor.

Você diz que diferentes pessoas estão em diferentes estágios ou níveis de desenvolvimento. Como descobrir isso?

Existem muitos testes que as pessoas podem fazer. Temos de lembrar que isso é o que chamamos de níveis e linhas; você pode ser bastante desenvolvido em algumas linhas, e não muito desenvolvido em outras. Portanto, não é algo linear. Não é apenas uma única escada que você está subindo estágio por estágio...

Algumas pessoas podem estar muito avançadas no desenvolvimento cognitivo e não muito avançadas no desenvolvimento moral. Outras podem estar muito avançadas no desenvolvimento espiritual, mas não muito avançadas nas capacidades matemáticas, e assim por diante. É um psicográfico bem específico para cada pessoa. Desse modo, não pretendemos etiquetá-las.

Existem testes bastante confiáveis que você pode realizar para determinar onde está nessas linhas. Você certamente pode fazê-los. Mas o que acontece quando você estuda qualquer um desses modelos de desenvolvimento e começa a entendê-lo é que passa a perceber certas palavras-chave e frases que indicam onde seus amigos estão. Em particular, você pode usar termos gerais para muitos desses níveis de desenvolvimento; Jean Gebser usa os termos *arcaico*, *mágico*, *mítico*, *racional*, *pluralista*, *integral*. Os níveis intermediários são baseados em valores *tradicionais*, como o Cristianismo fundamentalista por exemplo. Depois os valores *modernos*, os valores *pós-modernos* e, em seguida, os valores *integrais*. *Tradicional*, *moderno* e *pós-moderno* também são três desses níveis. Portanto, muitas das guerras culturais são travadas por indivíduos em diferentes altitudes que impingem seus valores – não apenas como valores que são bons para o seu nível, mas como valores que deveriam ser bons para todos. Chamamos isso de *absolutismo de linha*. Ou *absolutismo de nível*. Também há *absolutismo de quadrante*.

É quando você considera os dados de seu quadrante, ou de seu nível ou linha, e não conclui apenas: "esses dados são ótimos". Você afirma: "esses são os únicos dados reais – todos os outros estão incorretos". É nessa situação que a abordagem integral se apresenta para dar um basta categórico. Simplesmente não podemos mais fazer coisas assim. Está errado!

Mas você pode aplicar testes e começar a ter uma noção onde as pessoas estão.

Assim, uma cultura, basicamente, tem uma visão de mundo com a qual se concorda ou se parte dela, como um centro de gravidade, mas existem certos indivíduos nessa cultura que estão em níveis muito mais elevados, bem como outros indivíduos que estão em níveis muito mais baixos.

Correto. Em uma determinada cultura, por exemplo, é útil lembrar que todos dessa sociedade sempre nascem na estaca zero. Por exemplo, como um indivíduo, na linha de desenvolvimento de valores, você começa com valores *fisiológicos* e valores *arcaicos* e, em seguida, passa para valores *mágicos*, depois *míticos* e depois *racionais*. Os valores racionais começam a surgir por volta dos quatorze ou quinze anos – na adolescência. Em seguida, de *racional* para *pluralista*. E então, de *pluralista* para *integral*.

Acontece que, mesmo que uma cultura tivesse todas as suas leis e todos os seus sistemas educacionais provenientes de níveis integrais, as pessoas ainda nasceriam na estaca zero. Portanto, sempre haverá alguém que está no nível *egocêntrico* – estágios de poder. Sempre haverá pessoas que são *conformistas* estritas. Pessoas no nível rigorosamente *conformista*, em geral, exaltam os valores *tradicionais*, o nível de *associação mítica*, e tendem a ser muito agressivas às vezes, porque esses níveis são bem *etnocêntricos*. Todos nós passamos por esses níveis de desenvolvimento, portanto *não* podemos julgar as pessoas em níveis diferentes. Mas sempre haverá bolsões na cultura que não estão no modo de discurso dominante, ou no nível ou altitude predominante a partir da qual a cultura está operando. Por

exemplo, a maioria das democracias ocidentais surgiu por volta de trezentos anos atrás com o Iluminismo ocidental. Antes dessa época, o nível mais elevado a partir do qual as culturas operavam era basicamente o nível *tradicional, conformista e fundamentalista* – bem etnocêntrico e militarista. O que acontece é que a maneira como uma cultura opera – mesmo com pessoas resistentes em altitudes diferentes – é que as leis vigentes tendem a se originar de um único nível. Portanto, diríamos que as leis dessas culturas tradicionais eram realmente conformistas, muitas vezes impostas por um monarca. Ocorreu escravidão em 97% dessas culturas agrárias.

Essas são as estruturas que o Iluminismo ocidental encontrou. O que o Iluminismo conseguiu foi passar do *etnocêntrico* para o *mundicêntrico*. Ele começou um processo de julgar as pessoas com justiça, independentemente de raça, cor, sexo ou credo. Demorou um pouco para abolir diversos remanescentes do sistema anterior. Na América, por exemplo, um dos exemplos mais notórios é que muitos dos Pais Fundadores possuíam escravos. Isso aconteceu ao mesmo tempo que estava escrito na Constituição que todos os homens são criados iguais – verdades que consideramos evidentes por si mesmas. Essas desigualdades não foram causadas pelo nível de desenvolvimento moderno, mas pelo nível tradicional pré-moderno. Elas ainda eram resquícios do nível anterior. Emergiu na cultura uma onda de desenvolvimento moderna de questões científicas, egocêntrica e egoico-racional que conseguia assumir uma perspectiva de terceira pessoa. Foram criados sistemas de governo que diziam: "O que você faz na privacidade do seu lar é assunto seu. Você pode ter uma crença mágica, uma crença mítica ou uma crença racional – não importa –, mas o que você faz na esfera pública precisa estar em conformidade com as leis." E essas leis derivavam do nível moderno.

Assim, na privacidade do seu lar, você ainda pode pensar que Jesus Cristo é o único salvador pessoal e que os indivíduos que não acreditam nisso vão arder no inferno. Você pode acreditar nisso em sua casa, mas não pode mais queimar ou enforcar pessoas em praça pública. Você pode ter essas crenças, mas não pode agir de acordo com elas.

Portanto, tudo o que temos hoje é basicamente um conjunto de leis e instituições que operam aproximadamente a partir do nível racional e, em alguns casos, do nível pluralista de moralidade, ética e normas jurídicas. E, basicamente, creio que está funcionando muito bem. Será interessante ver o que acontecerá quando atingirmos o ponto de inflexão de 10% dos estágios de segunda camada, que atualmente estão em torno de 5% da população. A segunda camada se caracteriza por níveis integrais. Analisando os dados, temos razões para acreditar que cerca de 10% da população nas democracias ocidentais alcançarão a segunda camada dentro de uma década. Isto vai ser bem fascinante. Teremos leis, códigos de comportamento e sistemas de governança que funcionarão em algum grau a partir da segunda camada. Fundamentalmente, muitas coisas irão mudar. Não podemos prever exatamente como isso vai acontecer, mas é quase certo que acontecerá.

Resumidamente, a mesma coisa vale para um indivíduo. Os indivíduos possuem o que Whitehead chamou de *mônada dominante*. O que isso realmente significa é que se meu cachorro se levantar e andar pela sala, 100% de seus átomos,

moléculas e células o acompanharão. *Hólons* individuais possuem *mônadas* dominantes que, geralmente, estão em um determinado nível de desenvolvimento. Isto não significa que não tenhamos subpersonalidades que estão em outros níveis – todo mundo tem subpersonalidades – nós temos impulsos cindidos, inconscientes, subconscientes. Um indivíduo pode ser muito bom em algumas linhas de desenvolvimento; certas pessoas são altamente desenvolvidas cognitivamente, mas não muito desenvolvidas moral, interpessoal ou espiritualmente. Mas sua *mônada* dominante está operando no conjunto desses psicográficos particulares. Enquanto um indivíduo possui uma *mônada* dominante, um *hólon* coletivo possui um *modo de discurso* dominante. E esse modo de discurso dominante gera seu próprio conjunto de leis, seu sistema educacional e assim por diante.

Cada cultura sempre evolui? Isto é algo inerente a indivíduos e culturas?

Bem, filósofos têm argumentado por pelo menos dois mil anos sobre a relação entre um *hólon* individual e um *hólon* coletivo. Em outras palavras, a sociedade em si é um organismo ou é apenas um conjunto de indivíduos? É claro que algumas pessoas acreditam que a sociedade, ou o estado, é de fato uma supertotalidade e que deveria ser tratada como um *hólon*, visto que todos somos membros ou partes dela. Outras acreditam que a sociedade nada mais é do que uma coleção de indivíduos atomísticos, de modo que ela não tem nada que não possa ser encontrado nos indivíduos. Eu creio que seja realmente algo intermediário entre essas posições. Com certeza, ambos são sistemas holísticos, mas um *hólon* individual tem uma *mônada* dominante, e os *hólons* coletivos simplesmente têm um modo de discurso, ou modo de residência, dominante ou predominante. Uma *mônada* dominante apresenta um necessário desenvolvimento em estágios, *hólons* coletivos não.

Posso dar um exemplo muito rápido: você está jogando pôquer com cinco pessoas. As pessoas estão no vermelho – vermelho é a cor da altitude que estamos usando. Todas elas estão em estágios egocêntricos de desenvolvimento, ou em busca de necessidades de segurança. Três delas ficam doentes e desistem. Três amigos chegam do trabalho e as substituem; eles operam com necessidades de autoestima, isto é, dois níveis acima. De repente, o grupo passou de um estágio específico para um grupo cuja média é dois ou três estágios mais elevada. Como resultado, o grupo parece ter pulado estágios. Conclusão: o desenvolvimento de grupos ou culturas – *hólons* coletivos – é algo muito mais complexo.

É verdade que, em longo prazo, você consegue observar essa progressão indo do arcaico para o mágico, mítico, racional, até o pluralista hoje e, ao que tudo indica, integral amanhã. Você pode ver isso em uma escala histórica. Eu creio que isso acontece. Mas lembre-se de que não é um desenvolvimento necessário. Não ocorre em estágios rigidamente predeterminados ou algo parecido, mas tendemos a observar esse tipo de desenvolvimento na cultura. É o que estamos vendo agora: uma forte possibilidade de atingirmos um ponto de inflexão ao ocorrer esse salto para a segunda camada.

Você diria que após centenas de anos de separação entre a ciência e as tradições contemplativas, agora estamos entrando em uma era em que elas estão começando a se integrar novamente?

Sim... Bem, devemos ter cuidado com o que entendemos por ciência e o que está sendo integrado. Se nos referimos a ciência, como falamos antes, essa ciência é aquela que trabalha com evidências diretas e dados diretos, o que significa experiência imediata que apresenta resultados reprodutíveis que fornecem os mesmos dados, e se há algum modo de confirmar ou refutar os dados, e assim por diante... Se é isso que entendemos por ciência, então temos uma *ciência da contemplação*.

Estamos descobrindo que meditadores de longa data, pessoas que meditam há dez, quinze, vinte anos, aprendem a treinar sua atenção e consciência a tal ponto que, de fato, obtêm insights profundos sobre a condição humana. Eles os usam como telescópios ou microscópios internos. Nesse sentido, o Zen e outras tradições são científicos, e creio que isso seja absolutamente verdadeiro. Temos a fenomenologia como uma ciência de estados e estágios de consciência superiores.

Se a questão de saber se ciência e religião podem ser unidas significa coisas como o documentário *What the bleep do we know? (Quem Somos Nós?)* e o livro *O Tao da Física*, etc., então creio que não – acho que ambos são profundamente confusos porque estão sempre tentando qualificar o absoluto. É aí que surgem os problemas porque o absoluto é não dual. Não tem opostos. Não é *aqui* versus a manifestação que está *lá*. No entanto, é isso que eles acabam fazendo. Eles acabam dizendo que o espírito é o potencial quântico, por exemplo. Eles tentam identificá-lo com alguma coisa manifesta e finita – que está separada de outras coisas – e isto não funciona. Cada um deles tenta fazer isso. Embora não aconteça, há muitas pessoas tentando fazer isso! Mas essas coisas estão começando a receber a grande atenção crítica que merecem – o que significa atenção crítica negativa. Portanto, não acho que essa descrição de como ciência e religião se integrarão prosperará; a primeira, sim – com certeza.

Isso também faz parte da sua crítica às visões reducionistas dos movimentos da Nova Era sobre o mundo?

Bem, sim. Creio que, na proporção em que esse tipo de coisas está acontecendo, torna-se um grande problema. Em longo prazo, na minha opinião, isto prejudica o campo. Na verdade, é exatamente sobre o que falávamos um pouco antes: confunde metodologias.

Basicamente, tudo o que você vê na física quântica, por exemplo, é uma série de equações matemáticas. Esta é a única coisa da qual você está ciente. Você não está olhando, observando, contemplando, sentindo e experienciando diretamente quarks que se transformam em fótons. É fundamentalmente uma série de equações matemáticas seguidas de uma pesquisa experimental que sustenta ou não essas equações específicas. Acho que é uma metodologia bastante válida.

Por outro lado, há o Zen, por exemplo, ou a contemplação cristã de Santa Teresa ou São João da Cruz – injunções e paradigmas que são totalmente diferentes dos da física quântica. É como usar um telescópio para tentar encontrar a experiência do amor! A Nova Era simplesmente mistura essas coisas muito mal, na minha opinião. E eu mesmo fui pego nisso no começo. É muito tentador, porque você pode olhar para a mecânica quântica e há tantas coisas absurdas acontecendo lá. Você pensa: "Ah! Esse é o portal de entrada para o espírito!". Mas não funciona muito bem... Simplesmente não funciona, para dizer o mínimo.

A consciência é a pulsão básica da evolução?

Novamente, acho que devemos ter cuidado com essa parte. As pessoas que provavelmente conseguiram lidar melhor com ela são Nagarjuna e os budistas falando sobre a teoria da vacuidade que, na verdade, é uma experiência – não uma teoria. Geralmente, a maneira como eles a abordaram é asseverando que se você vai começar a fazer afirmações sobre o *absoluto*, sobre deus, espírito ou algo assim, então você está realmente lidando com a verdade absoluta. Há verdade absoluta e verdade relativa. Na verdade relativa, o mundo em que normalmente vivemos é um mundo de opostos, de forma que qualquer conceito que usamos é dualístico – ele tem um oposto. Portanto, a maioria dos idiomas é muito inadequada para lidar com o absoluto. Basicamente, você não consegue falar sobre o absoluto – você tem de experienciá-lo. Você tem de despertar para ele. É como pedir: "descreva o gosto da água". Bem, basta beber um copo d'água e você saberá. Tentar descrevê-lo por meio de conceitos simplesmente não vai funcionar muito bem.

Então, creio que quando pensamos sobre o que impulsiona a evolução, estamos nos aproximando de um absoluto e devemos ser cuidadosos nisso. Os conceitos não funcionam tão bem. Porém, o que afirmamos é que todos os quatro quadrantes evoluem juntos; eles são quatro dimensões de cada ocasião. Cada momento tem essas quatro dimensões dos quatro quadrantes. Assim, se você olhar para o quadrante superior esquerdo, parece que a consciência está impulsionando a evolução. Se você olhar para o quadrante superior direito, parece que as forças físicas e a complexidade crescente estão impulsionando a evolução. Se você olhar para o quadrante inferior esquerdo, parece que níveis crescentes de amor estão impulsionando a evolução. Então, temos de ser cuidadosos. Mas existe um *Eros* no Kosmos e acho que é muito difícil negá-lo.

Como essa abordagem integral foi recebida em cada um dos quatro campos dos quadrantes, no âmbito das ciências humanísticas, das artes e das ciências convencionais?

Eu acho que muito bem. Na verdade, de forma extraordinária. Posso lhe dar alguns exemplos. O modelo de quatro quadrantes foi lançado em 1995, portanto já existe há cerca de uma década.¹ Normalmente, livros acadêmicos que eu escrevo –

¹ Atualmente (2020), já se passaram duas décadas e meia. (N.T.)

como *Sexo, Ecologia e Espiritualidade* ou *A Brief History of Everything* – vendem dois a três mil exemplares, e se apresentam algum impacto, ele é muito lento. Mas, *Brief History* vendeu bem mais de cem mil cópias, o que é inédito, e teve uma aceitação imediata. Conseguimos abranger tantas disciplinas a ponto de criar a *Integral University*. Literalmente, em um período de apenas três anos, estamos prontos para lançar a *Integral University* neste verão ou no início do outono. Ela possui vinte e quatro faculdades onde o modelo AQAL é totalmente aplicado nas diversas disciplinas para mostrar como ele realmente as liberta e as torna primorosamente funcionais, muito gratificantes e precisas.² Eu acho que está indo muito bem.

Se você acessar o *Integral Naked*,³ verá muitas pessoas que nos contatam, que realmente apreciam o material. Como Michael Crichton, Larry Wachowski, que fez o filme *Matrix*, e assim por diante. No recente Fórum Econômico Mundial, Bill Clinton disse: "O que o mundo precisa agora é de consciência integral, conforme descrita por Ken Wilber em seu livro *Uma Teoria de Tudo*". Acho que partir de um tipo de material acadêmico há dez anos para essa aceitação é realmente algo inédito. Estou muito feliz com isso. Foi uma jornada bem rápida.

² Infelizmente, esse projeto foi descontinuado. (N.T.)

³ Blog de Ken Wilber, atualmente desativado (N.T.)